

TRADUÇÃO

西田, 幾多郎. 私の論理について [絶筆].
哲學研究 30|2 (pp. 65-66), 1946.

AUGUSTO DE CARVALHO
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro | Rio de Janeiro | Brasil
augustobc.leite@unirio.br
orcid.org/0000-0001-6821-9074

APRESENTAÇÃO

A seguinte tradução tem por objetivo tornar acessível ao público de língua portuguesa um brevíssimo texto do filósofo japonês Kitarō Nishida 西田幾多郎 [1870-1945], figura central da filosofia japonesa moderna e da chamada *Escola de Quioto*. O texto traduzido insere-se no núcleo das reflexões de Nishida acerca da experiência, da consciência e da historicidade da *lógica do lugar* 場所 [*basho*], conceito fundamental de sua obra. Dialogando de maneira singular com tradições filosóficas ocidentais, tais como o idealismo alemão, a fenomenologia e a lógica clássica, mas também com matrizes do pensamento budista, com destaque para a vertente *Mahāyāna*, Nishida propõe uma investigação rigorosa das condições que compõem o conhecimento da realidade, recusando dicotomias muito estabelecidas na tradição filosófica de então, entre sujeito e objeto, pensamento e mundo.

De acordo com Mayuko Uehara,¹ a *lógica do lugar* constitui o eixo conceitual a partir do qual Nishida busca formular uma alternativa às lógicas fundadas na primazia do sujeito ou do objeto. Inspirada por fontes da filosofia ocidental, como a noção platônica de *khōra* [χώρα] e a lógica clássica aristotélica, bem como por aspectos da tradição cultural japonesa, a noção de *basho* designa um campo lógico não-sintético, no qual os opostos se determinam mutuamente. Dessa perspectiva, o sujeito não se opõe ao predicado, mas se encontra situado nele; uma concepção não-dual da experiência e do conhecimento.

Uehara enfatiza ainda que essa lógica está intimamente ligada à noção de *nada* ou *não-ser* 無 [*mu*] e, ao termo, à concepção de *nada absoluto* 絶対無 [*zettai mu*]. É nesse horizonte que Nishida formula a expressão *ver a forma do que não tem forma* 形なきものの形を見る, indicando um modo de apreensão da realidade que não se deixa reduzir à objetivação conceitual, mas recorre à sua *lógica do lugar* de modo análogo, mas não idêntico, àquilo que a tradição platônica compreende como a ideia de ou sobre algo, uma vez que a ideia ou a *forma* [εἶδος] seria precisamente o aspecto imaterial de determinada coisa. Desse modo, a filosofia de Nishida oferece um enquadramento conceitual original para compreender a lógica como modo de autodeterminação do real que não prescinde do não-ser, isto é, uma lógica que de maneira contraditória compreende ser e não-ser como fundamentos daquilo que chamamos real.

Com efeito, para Yasuo Deguchi,² Nishida deve ser entendido como um pensador que reconhece uma forma radical de contradição no cerne da experiência e da autorreflexão. Nos termos do próprio Nishida, todo pensamento recorre a algo *idêntico a si mesmo em absoluta contradição* 絶対矛盾的自己同一, quer dizer, à alguma ideia idêntica e não-idêntica a si ou ao mundo.

¹ UEHARA, Mayuko 上原麻有子. Japanese Aspects of Nishida's *Basho*: Seeing the "Form without Form". *Philosophy East and West* 54/2, (pp. 152–164), 2004; UEHARA, Mayuko 上原麻有子. 西田幾多郎の「場所」に見る「形なきものの形」; 明星大学日本文化学部言語文化学科明星大学研究紀要, 2008.

² DEGUCHI, Yasuo 出口康夫. 場所の論理の再構築に向けて：論文「場所」試論 (H22) (pp.35-41) 『比較思想研究』 36 別冊, 2010.

Deguchi argumenta que a *lógica do lugar* funciona como o lugar lógico no qual esses polos opostos são articulados e conectados sem que se resolva a contradição pela eliminação de um dos termos, em uma hipotética síntese. Em outras palavras, o *basho* permite pensar uma identidade que inclui a sua própria negação, sem o estabelecimento de dilemas, ou seja, de duas expressões necessariamente conflitantes. Por esse motivo Deguchi aproxima a maneira de pensar de Nishida de uma forma de dialeteísmo,³ a aceitação de contradições verdadeiras. Para compreender adequadamente o alcance da sua lógica, por conseguinte, é preciso admitir que certos enunciados sobre si e o mundo sejam verdadeiros e falsos ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, em clara infração do princípio da não-contradição aristotélico (*Metaph.* IV.3 1005b.)⁴. Não obstante, para Nishida, a realidade não é simplesmente contraditória. É preciso distinguir a contradição como forma lógica, característica da *lógica do lugar* como estrutura normativa da reflexão filosófica, da contradição como estrutura da realidade. Afinal, como afirma o corolário do texto traduzido, “a lógica é a forma do nosso pensamento”, e para esclarecer o que seria, então, essa forma, seria preciso uma compreensão adequada sobre distintas formas de pensar.

A tradução aqui apresentada, o último manuscrito deixado por Nishida, publicado postumamente em memória de seu autor, enfim, almeja servir não apenas como instrumento de estudo deste tema, qual seja o problema das contradições e da própria natureza da lógica, mas também como convite à leitura dos textos de Nishida e à ampliação do debate filosófico em perspectiva intercultural.⁵

³ PRIEST, Graham. *In Contradiction: A Study of the Transconsistent*. Oxford: Oxford University Press, 2006; PRIEST, Graham; DEGUCHI, Yasuo, et al. (eds.). *What Cannot Be Said: Paradox and Contradiction in East Asian Thought*. Oxford: Oxford University Press, 2021.

⁴ *Aristotelis Opera*, ed. Immanuel Bekker and Olof Gigon (Berlin: De Gruyter, 1960 [1831]).

⁵ Destaco duas traduções para o português de textos do Nishida, de Lucas Murata e Felipe Ferrari, respectivamente, em: NISHIDA, Kitarō. *Textos escolhidos: Lugar, Eu e Tu e Autoidentidade e Continuidade do Mundo*. São Paulo: PHI Editora, 2024; NISHIDA, Kitarō. Autoidentidade absolutamente contraditória. IN: FONGARO, Enrico; MCCULLEN, Matthew D., et al. (eds.). 絶対矛盾的自己同一 / *Absolute Contradictory Self-Identity*. Nagoya: Nanzan Institute for Religion and Culture, 2025.

SOBRE A MINHA LÓGICA

[*último manuscrito*]

Como resultado de muitos anos de pesquisa, estou convencido de que consegui esclarecer a forma de pensamento que parte do *lugar do eu*⁶ enquanto agente histórico, assim como a lógica da ação da totalidade da formação ou configuração da realidade. A lógica que tem sido tradicionalmente desenvolvida é, em sua totalidade, uma lógica que parte do lugar do eu enquanto consciência abstrata.

Por meio da minha lógica, procurei refletir também sobre problemas fundamentais das ciências naturais, bem como sobre questões essenciais da moralidade e da religião. E creio que, com base na minha forma lógica, é possível pensar em questões que até então não puderam ser consideradas dentro do modelo lógico tradicional. Abre-se um caminho para a sua elucidação. *Muitas vezes, o que parece impensável ou confuso tem sua origem na imperfeição da forma lógica utilizada.*

Do lugar da lógica abstrata, não é plausível pensar aquilo que é concreto. E a lógica que proponho não pode ser compreendida desse ponto de vista ideal, ou melhor, é algo que nem sequer pode ser admitido ou aceito pelo mundo das ideias. Não que não existam críticas à lógica concreta. Mas essas críticas frequentemente partem de posições ou lugares diferentes do meu, e acabam por distorcer o que estou dizendo, interpretando-me apenas como uma representação equivocada de outras tipologias lógicas; não são críticas que nascem da compreensão do que estou dizendo a partir do meu próprio lugar. Críticas que partem desse tipo de incompreensão, anunciadas em um lugar diferente do meu, não podem ser consideradas críticas legítimas.

Eu, antes de tudo, peço que se busque compreender o que estou dizendo a partir do meu próprio lugar.

⁶ *Nota do tradutor:* em referência à centralidade do significado do *lugar* 場所 de existência, anunciação e elaboração lógica, segundo Nishida, tomo a liberdade de traduzir o termo 立場, que quer dizer “posição”, então, como “lugar”. Dessa maneira, resalto o conteúdo filosófico próprio ao pensamento de Nishida implicado no termo original 自己の立場.

Alguns afirmam que o que chamo de lógica não é lógica, pois o que chamo lógica refere-se a algo como uma experiência religiosa ou mística. Se é isso que dizem, pergunto: o que, afinal, é a lógica?

Talvez ninguém se oponha se eu afirmar que a lógica de Aristóteles, sem dúvida, é lógica. Kant afirmou que, desde Aristóteles, a lógica não deu sequer um passo adiante, ou, se muito, retrocedeu um passo e avançou meio passo. Dessa perspectiva, a lógica parece ter acabado mesmo em Aristóteles.

Se pensarmos na lógica aristotélica como a forma de expressão do eu em relação ao mundo, que se representa, assim, simbolicamente, então, sim, nesse sentido, pode-se dizer que a lógica acaba em Aristóteles. No entanto, Kant e sua lógica transcendental já não pertencem à lógica de Aristóteles. E a lógica dialética de Hegel parece até mesmo contrária à lógica aristotélica. Na lógica de Aristóteles, a contradição é inadmissível. Porém, na lógica dialética de Hegel, a contradição é uma forma de autodesenvolvimento. Será então que as lógicas de Kant e Hegel não são lógicas, cada uma ocupando o seu lugar? Diante disso, somos levados a refletir: o que é, afinal, a lógica?

A lógica é a forma de nosso pensamento. Para esclarecer o que é a lógica, é preciso partir da própria forma ou essência do nosso pensar.

KITARŌ NISHIDA

SOBRE A MINHA LÓGICA

Tradução recebida em 18/09/2025 • Aceita em 13/11/2025
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado